



POETIZAR

REVISTA DE CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS

Julho de 2023 / Edição 1 / Volume 3



Caro leitor, é com muita satisfação que trazemos a terceira edição da Revista Poetizar. Esperamos que cada leitura sensibilize, provoque reflexão, faça rir, se emocionar, enfim...

“A literatura é a forma mais agradável de ignorar a vida” – Fernando Pessoa.

SOBRE A REVISTA

A Revista Poetizar é uma publicação eletrônica organizada por estudantes de graduação da Universidade Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus como projeto de extensão que abre espaço para a publicação de contos, crônicas e poesias escritas pelo público. Crie sua arte e vem Poetizar com a gente!

EQUIPE EDITORIAL

Prof. Dr. Ailton Pereira Morila

Josué Lopes Oliveira

Samuel Lisboa Martins

NOSSO CONTATO

E-mail: revistapoetizar@gmail.com

Instagram: [@revistapoetizar](https://www.instagram.com/revistapoetizar)

SUMÁRIO

CONTOS

- Pobre Capitão Gancho | Mony Santos 5
- É só mais um conto de amor | Veronica Oliveira 6
- Aqueles que não têm alma | Suelen de Souza 8
- As Prova | Aline Vieira Malanovicz 10
- A infestação | Adriano Besen 14
- A biblioteca das árvores | Davi 17

CRÔNICAS

- Meu Imenso Sertão: Uma Analogia Literária Com O Sistema Imune | Rafael Everton Assunção Ribeiro Costa 22
- O Fim do Verão | Aline Vieira Malanovicz 24
- Em memória a uma linhagem órfã | Kelly Rodrigues Gularte 26
- Mais um dia comum | Késsia Gomes do Nascimento 29
- Existência | Lauramaria 32

POESIAS

- Anos-noite | Thaís Silva de Assis 35
- Turma Flávio Moreira | Valdinei de Almeida 36
- A Arte de Silenciar | Roberta Maratori 37
- Gente de quem não é gente da gente | Felipe Eloy Teixeira Albuquerque 38
- Alumbramento ou coisa da idade? | Ribeiro Marinho 40
- Amor Entre Política E Poder, Uma Orbe Lunar Se Cava | Marcelo Calderari Miguel 41

CONTOS

Pobre Capitão Gancho | Mony Santos

“Você morre sozinho e sem amor”

A última frase ouvida e repetida por Capitão Gancho, tão ouvida por ele, que no fim, Capitão Gancho acreditou, com toda a obscuridade que levava em seu coração, que realmente merecia isso, morrer sem nunca conhecer o amor, mas a verdade é que ninguém na vida deveria morrer sem ter conhecido o espírito que é o amor. Nem mesmo o pior dos vilões deveria conhecer morte tão severa. Por toda uma vida o Capitão Gancho foi o vilão de Peter Pan, não somente por opção, mas por teimosia, viu o garoto receber o seu primeiro beijo, viu o garoto sofrer com o “fim” do seu primeiro amor e, secretamente, invejava a sorte de Peter Pan, por amar e por ser amado. Capitão Gancho era um grande vilão e se reconhecia como tal, e por isso, nunca seria fácil admitir, nem a si mesmo, a necessidade de ser amado. O que Gancho não sabia é que os vilões também têm o direito de amar, e esse lado da história é o lado que poucos contam, mas mesmo assim é um lado fascinante, porque o amor só tem um pré-requisito, viver. E viver Capitão Gancho sabia.

É só mais um conto de amor | Veronica Oliveira

Há quem diga que amor e gripe ninguém consegue esconder, parafraseando eu afirmo: amor e gripe ninguém pode prever.

Meio dia, você acorda, escova os dentes, mal penteia o cabelo e antes que o café fique pronto, já planejou o dia todo na praia com as amigas, vida de solteira, vida boa. Ele acordou bem cedo, só hoje já enfrentou 3 turmas, sabe como é, quem enfrenta um sexto ano, enfrenta tudo. Hoje o amor vai lhes encontrar.

Ele não fez a barba, não preparou a aula, colocou aquela meia, há 3 semanas ele usa a mesma, amanhã ele pretende trocar. O amor também o escolheu hoje. Ela passa a vida esperando encontrar alguém pra amar, uma pessoa diplomática, com grandes projetos, ambiciosa, mas de repente, olha só: ela agora está no altar dizendo sim ao filhinho de papai que a única ambição na vida é se sentir amado.

O amor nasce naqueles dias quentes e exaustivos, o café sai fraco, sua mãe está com um péssimo humor, o ônibus atrasa, você chega atrasado e tem um trabalho daqueles pra apresentar, e o amor hoje, justo hoje, resolve te encontrar. Que incompetente!

Você planeja ir ao dentista e termina na cama do dono da lojinha da esquina. A viúva pretende não mais amar, seu coração, segundo ela, foi enterrado também, mas vejam só, o amor vai reencontrá-la, ela há de ser feliz. O amor amolece o coração do bandido, do matador de aluguel, do intelectual frio e apático, do religioso, do político. O amor chega. Ele sempre chega.

É que o amor é essa obscenidade, não segue script, não ouve mandado, não teme a polícia, o delegado, o patrão, ele quer existir e bate os pezinhos até conseguir. O amor é cão mal adestrado, é menino arteiro em shopping center, é desordeiro, é vivo e está em constante atuação. O amor não é uma equação matemática, não é uma ciência exata. O amor não pede licença, não escolhe a melhor estação, a melhor família, o melhor dia. Ele escolhe essa gente simples, inculta e de coração bom. Ele chega quando a gente não espera, quando a gente desacredita, quando tudo perde o sentido. Olhe ao seu lado: talvez, o amor esteja do seu lado e você ainda o percebeu. De todo, o jeito, acalme-se, o amor sabe o caminho, a data e a hora para chegar.

Comecei planejando um conto sobre as calamidades do país, depois quis escrever sobre a saudade que sinto da minha turma, depois quis falar do meu curso. Mas olhem, o amor me pegou de jeito e, assim sendo, esse é só um conto de amor.

Aqueles que não têm alma | Suelen de Souza

Num mar distante de tudo e de todos, havia um navegador perdido e desorientado, mas de uma coisa ele tinha certeza, precisava encontrar a terra grandiosa, a terra dos que não têm alma, a terra de ouro, a terra na qual iria enriquecer mais... de ouro, é claro! Pois de espírito, já estava morto. O navegador já estava atravessando o continente há três meses, três meses de solidão, de medo, de momentos de alegria com o seu papagaio e de momentos de tristeza também. Mas ele não podia desistir fácil, não podia desistir em alto mar. Certo dia, o papagaio lhe pediu para não continuar mais, não fazia mais sentido continuar com o plano. Porém, o navegador era um homem teimoso e obcecado por sua vontade de estar cada vez mais rico.

Certo dia, pararam numa praia, uma praia com uma natureza de tirar o fôlego de qualquer um! Nessa praia tinha tudo que um sujeito poderia imaginar, frutas, animais, calor, sol, casa aconchegante, mas não tinha o que o navegador queria. Ali, ele e o seu amigo passaram apenas uma noite, tomaram banho de mar, comeram, se divertiram com os animais, descansaram e partiram. O papagaio partiu com dor e lágrimas, já o navegador com a esperança de estar chegando ao seu destino final... a terra dos que não têm alma. O navegador estava certo, o seu destino final estava chegando, porém não igual ao seu plano.

O papagaio sente o navio balançar de um jeito diferente e não vê seu amigo, vai à cozinha e não o encontra, vai ao banheiro e também não, sobe as escadas... e vê o navegador pilotando com dificuldade o navio, indo para a terra dos que não têm alma. O papagaio implora para eles voltarem, voltar para onde estavam, para a praia, para casa... Mas, o navegador não era de desistir fácil, teria que passar por aquela tempestade, por aquela escuridão, para ver a luz e ver sua riqueza. Até que, surpreendentemente, abrem-se dois caminhos no meio daquela tempestade! O navegador teria que escolher um dos dois caminhos. O papagaio sabia que cada escolha tem uma perda, no fundo o navegador também sabia... por isso, chorou e lutou contra as ondas fortes, e com as luzes no céu, o céu já estava em festa! Os dois caminhos eram lindos e perfeitos, porém um dos caminhos com uma voz mansa e sedutora chamava pelo navegante, mostrando ouro, riqueza, e principalmente, mostrando o que ele mais queria, pessoa sem almas, pessoas tão escuras como aquela noite, pessoas tão fortes capazes de enriquecê-lo com sua mão-de-obra. E, sem pensar duas vezes, seguiu a voz. Chorando de alegria por estar cada vez mais próximo

da terra dos que não têm alma... Ele escuta a voz mansa se transformar numa voz assustadora, o caminho que antes era de luz, tornou-se um grande buraco negro. O navegador cai no buraco, o ouro que estava no seu navio afunda. Ele estava chegando ao seu destino final... porém, não chega na terra dos que não têm alma. Seu destino final é o fim de sua vida, levando consigo tudo, menos sua riqueza.

As Provas | Aline Vieira Malanovicz

Naquele tempo, a iniciação de um cavaleiro incluía uma espécie de jogo. Por isso, tive que enfrentar aquele ritual de passagem. Posso dizer com certeza que eu realmente preferiria que esse processo fosse diferente e mais simples. Mas era como era, e todos que buscavam esse objetivo tinham apenas que se adaptar. Quanto a isso, meus mestres magos sempre deixaram bem claro:

– Não vai ser fácil, mas você tem que confiar em si mesmo e treinar muito.

Não ia ser fácil mesmo. O que eu teria que enfrentar na batalha final eram simplesmente dez monstros aterrorizantes, que eram verdadeiramente os principais terrores do mundo ocidental.

Treinar era tudo o que eu poderia fazer, e foi o que eu mais fiz, durante dois meses, um ano, três anos!

O treinamento era dureza: o programa oficial incluía cinco horas diárias de exercícios e orientação dos mestres. O treino incluía explicações e exercícios incessantes, que contemplavam as diversas especialidades que poderiam ser necessárias na batalha. Além dessas horas diárias de treino, os mestres magos também recomendavam fortemente treinar ainda mais um tanto em casa, para desenvolver um melhor condicionamento. E eu me dedicava sempre mais cinco, mais seis, mais sete horas.

Eu tinha alguns companheiros que buscavam o mesmo objetivo. Treinávamos juntos e tentávamos nos incentivar uns aos outros no meio daquele estresse todo. Mas no fundo cada um sabia que a sua batalha seria individual, cada qual tendo que superar seus próprios limites. Assim, cada um se dedicava como se fosse a coisa mais importante da sua vida.

Assim como todos os outros aspirantes, tive que estudar, nos mínimos detalhes, cada um dos dez adversários. Era um mais apavorante do que o outro. Eles eram capazes de atacar com uma variedade impressionante de golpes diferentes. Os mestres explicavam:

– A regra do jogo dizia que os aspirantes a cavaleiros só podem utilizar no máximo trinta e cinco golpes contra cada monstro. Então vocês têm que aplicar muito bem seus

golpes, de maneira muito objetiva. É absolutamente necessário fazer render as poucas horas de disputa, para eliminar cada um dos inimigos tão cedo quanto possível.

Um companheiro lembrou que poderíamos ter dificuldades e indagou:

– Mestres, também aprendemos chutes e outros golpes baixos. Podemos usá-los?

– Não sejam ingênuos! Chutes e outros golpes baixos não são nem de longe tão eficientes quanto os golpes oficiais que vocês aprenderam. Deixem para usá-los somente em último caso, quando não houver outra alternativa.

Outro companheiro sentiu esperança com o uso de magia e perguntou:

– Mestres, nós também aprendemos magia. Podemos usá-la contra nossos inimigos?

– Não sejam ingênuos! Mesmo que os mestres tenham ensinado a usar magia, ela exige tanto gasto de energia, que só poderá ser utilizada contra apenas um dos monstros. Por isso ela deve ser reservada somente para o mais terrível dos seus inimigos.

Para mim, o pior dos inimigos sempre foi aquele conhecido como “o português”. Mas é claro que todos os outros eram atemorizadores do mesmo jeito. Tinha que conhecer cada inimigo como eu conhecia a mim mesmo, e isso não estava sendo nada fácil.

Para aprender a aplicar os principais golpes e dominar o uso da magia, tive vários mestres magos especialistas em cada um dos inimigos. Muitos e muitos detalhes precisavam ser dominados e estar bem claros na mente, porque na hora da batalha, os inimigos poderiam atacar com qualquer arma de seus vastíssimos arsenais.

Passei por diversos testes, constantemente, periodicamente. À medida que fui sendo confrontado com esses testes, percebi que tinha mais habilidades com alguns dos monstros e menos com outros. Ao mesmo tempo que isso trazia alguma tranquilidade em relação a uns, também trazia o maior terror em relação a outros, pois todos eles tinham que ser derrotados. Se qualquer um deles me derrubasse, eu não poderia prosseguir a formação de cavaleiro, e tudo estaria terminado.

Os treinamentos foram completados, aprendi tudo o que podia, e então chegou o tempo da batalha. Fui para o local do confronto portando todas as minhas armas e então, rangendo os dentes e controlando os nervos, aguardei soar o sinal para a peleia começar.

Um pavor alucinante tomou conta de mim quando vi que os monstros atacariam dois a dois. Tive que me valer de todos os treinamentos para derrubar os dois primeiros. Um usou todas as técnicas de combate que foram historicamente eficientes. O outro usava magias que agiam nos processos biológicos, me causando náuseas e quase até um desmaio.

Não sei se foi a absoluta tensão nervosa, ou se foi sorte de principiante. O certo é que consegui acertar todos os golpes nesses dois. E não gastei todo o tempo da disputa!

A segunda dupla parecia mais difícil, mas eu me sentia confiante pelo bom resultado com a primeira. Afinal, estava ainda de pé e prosseguia na disputa. O monstro que lançava armas químicas era o mais perigoso de enfrentar, pois suas armas causavam um entorpecimento que poderia durar dias. Já o outro usava golpes de uma tradição estrangeira, que tinham sido muito bem dominados nos treinos. Derrubei esses dois também, apesar de enfrentar agora muito mais dificuldades e ficar com sequelas pelos próximos dias.

Ainda sentindo um entorpecimento, enfrentei a dupla seguinte, que atuava usando técnicas de todos os lugares do planeta, e explorando o funcionamento dos elementos terra, ar, água e fogo. Posso dizer que esses foram fogo! Com nenhuma outra dupla tive que lembrar tanto das inestimáveis dicas do treinamento. Foi só assim que consegui derrubá-los.

Faltavam mais duas duplas, e então eu perdi completamente a noção do tempo. Por isso, precisei fazer vários cálculos, do contrário não conseguiria dar o ritmo certo aos golpes. Precisei também recordar tudo o que eu lembrava de ter aprendido. Realmente, com essa dupla, tive que recorrer aos chutes, porque era mesmo uma situação de último caso. Sem a noção de tempo, quase me dei mal com essa dupla, mas no fim consegui derrubá-los.

E faltavam então os dois últimos. Um deles era o temível português. Eu tremia e batia os dentes com o nervosismo do momento. Seria a última batalha. Se eu derrubasse os monstros, poderia sagrar-me cavaleiro. Se não, acabariam todas as minhas chances.

Voltei para a arena tentando me sentir confiante. Iniciei o confronto de maneira centrada e objetiva, e me surpreendi quando percebi que estava conseguindo acertar todos os golpes. Mas o meu maior medo se materializou quando o inimigo usou seus golpes psicológicos, obrigando-me a uma abordagem mais subjetiva. Esse era meu principal ponto fraco nos treinamentos, e agora estava miseravelmente sendo exigido na última fase da batalha. A confiança que eu sentia no princípio se desfez, do mesmo modo que um traço a lápis se desfaz com o uso de uma borracha.

Então lembrei de recorrer a um último recurso. Mesmo que fosse esgotar todas as minhas energias restantes, agora eu teria que usar magia, custasse o que custasse.

Quando lancei mão da magia, os efeitos foram parecendo bem diferentes do que tinham sido com todos os outros golpes em todos os outros inimigos. A magia fluiu e fluiu praticamente sozinha, conduzindo minha mão para o ataque. Percebi que sentia um incrível abalo em minha energia, cansaço, fadiga e no fim de tudo, um esgotamento terrível. Mas assim consegui derrubar o último monstro, e assim pude chegar vivo ao fim da batalha.

Alguns de meus companheiros também conseguiram chegar ao fim do desafio. Assim como o deles, o meu ritual de passagem foi, de fato, muito difícil, como os mestres magos haviam previsto. Mas também como eles haviam dito, precisei de muito treino, e foi esse treino, essa preparação, que me permitiu superar as inúmeras dificuldades da batalha.

Tendo passado por essa prova, que me exigiu toda essa dedicação, vejo que valeu a pena tentar ascender a uma vida muito melhor. Não encontro palavras suficientemente cavalheirescas para descrever o orgulho que sinto por poder agora ostentar o mais belo brasão do mundo.

A Infestação | Adriano Besen

Todos na cidade achavam Hélio muito esquisito. Ele trabalhava como jardineiro e era um homem calado; não olhava ninguém nos olhos. Hélio morava em uma área mais afastada do perímetro urbano do município. Dizem que cuidava da mãe doente; era filho único e tinha cinquenta e quatro anos de idade, apesar de aparentar ser mais velho. Ele só falava quando necessário, e olhe lá. Lembro-me dele resmungando alguma coisa quando eu passava por ele e o cumprimentava na rua. Sempre de cara fechada, o que o tornava ainda mais feio. Teve uma vez, que ao cumprimentá-lo, eu tive a impressão de ouvir ele me amaldiçoando com seus incompreensíveis resmungos.

Acho que por algum motivo que desconheço Hélio não gostava de mim. Senti isso num dia que eu estava passeando com o meu cachorro na rua e passei por Hélio na calçada. Ele parou do meu lado e me olhou com ódio no olhar... em seguida, me disse que todos os cães deviam morrer. Algo terrível de se dizer. Aquela tinha sido a primeira vez que eu o ouvi falando alguma coisa e olhando diretamente para mim. Depois disso, fiquei com pena dele; comecei a pensar que provavelmente ele tinha algum distúrbio psicológico ou algo assim. As pessoas costumavam comentar que ele era maluco, mas eu sempre achei que ele fosse apenas um homem humilde, sofrido.

Nos finais de semana e feriados, era comum que as pessoas se encontrassem na igreja, na praça ou no bar... coisas de cidade pequena. Mas Hélio, não. Frequentemente ele era visto no bosque, caminhando sozinho pelas trilhas. Até aí, tudo bem; mas o estranho era que Hélio sempre foi visto resmungando coisas, sozinho entre as árvores, como se estivesse cochichando com alguém. Alguns moradores do bairro comentavam que Hélio falava com fantasmas; diziam que ele via alma penada por causa do pai dele. O falecido pai do Hélio tinha sido coveiro no cemitério da cidade. Não cheguei a conhecê-lo, mas dizem que era um alcoólatra, ateu e muitas vezes, ele foi visto embriagado no cemitério chamando pelo Diabo. Sua esposa ia buscá-lo e ele batia nela.

Para mim, essas histórias não passavam de lendas, mas observando o comportamento de Hélio, eu ficava pensando que talvez ele vivesse sobre influência de algum tipo de assombração. Hélio fazia questão de manter uma distância das pessoas. Não deixava que ninguém o tocasse; nem apertar as mãos ele permitia. Às vezes, ia até o cemitério e ficava lá por horas... sozinho, cochichando entre as sepulturas. Hélio tinha a

pele extremamente enrugada, castigada pelo sol. As crianças do bairro morriam de medo dele, não chegavam perto.

Depois que sua mãe morreu, Hélio ficou ainda mais estranho. Raramente era visto no bairro. Já não trabalhava mais. Na semana em que ele completou sessenta anos, encontraram o seu corpo no bosque da cidade. Estava deitado de barriga para baixo, com o rosto no chão, em rigidez cadavérica. Como Hélio não tinha parente, por ordem da prefeitura, a funerária local ficou encarregada de cuidar do corpo e de todos os procedimentos funerários para o sepultamento. Um médico legista foi chamado.

Quando os funcionários da funerária e o médico legista foram recolher o corpo de Hélio no bosque, perceberam algo muito estranho ao tocar nas costas do cadáver. Ao levantar a camisa do morto, um susto. As costas de Hélio estavam tomadas por carrapatos; eram centenas de milhares, machos e fêmeas. O caso precisou ser estudado com mais atenção e logo o médico concluiu que aqueles aracnídeos já viviam ali enquanto Hélio ainda estava vivo. De acordo com o relatório médico, Hélio “criava” os carrapatos nas costas como se fossem bichos de estimação, e os mesmos, viviam ali se alimentando do seu sangue. Hélio era literalmente um hospedeiro.

Assim como algumas espécies do reino animal, que carregam seus filhotes nas costas (como os escorpiões, por exemplo), Hélio carregava uma infestação de carrapatos, que juntos, formavam uma espécie de carapaça nas suas costas. Tinham tantos carrapatos, que não era possível enxergar a pele das costas; os animais estavam alinhados em uma aglomeração que preenchia toda a área. Outro fato intrigante é que os aracnídeos não migravam para outras partes do corpo de Hélio. Nunca se viu nada igual aquilo. A ciência ficou perplexa com o caso que foi parar nas páginas das revistas científicas como “o caso do jardineiro e os carrapatos”.

Uma junta médica retirou todos os aracnídeos das costas de Hélio, que foi enterrado em seguida em um caixão lacrado após uma necropsia. Os carrapatos foram incinerados; apenas uma dezena deles foi enviada ao laboratório para estudos de zoonoses. Já o resultado do exame cadavérico foi também assustador, indicando que Hélio se alimentava dos carrapatos. O laudo médico apontou ainda que a causa da morte de Hélio teria sido por Febre Maculosa, uma doença infecciosa e possivelmente fatal, transmitida pela picada de carrapatos.

Hélio foi sepultado no jazigo da sua família, o mesmo onde seu pai e sua mãe tinham sido enterrados. Alguns dias depois do sepultamento de Hélio, mais um fato bizarro ocorreu. O tumulo foi tomado por uma intensa aglomeração de carrapatos, que rapidamente se espalhou por todo o cemitério e dias depois, já causava danos por todo o município. A cidade estava infestada de carrapatos. Uma força tarefa entrou em ação para combater a praga. Os aracnídeos estavam por toda parte e não pouparam animais ou pessoas. A Febre Maculosa fez muitas vítimas. As pessoas comentavam que aquela maldição pela qual a cidade estava passando era culpa de Hélio.

As pessoas exaltadas foram até o cemitério, jogaram gasolina no tumulo de Hélio e atearam fogo. Os malditos aracnídeos espalhados pelo cemitério caminhavam em direção ao fogo, entravam nas chamas e morriam queimados em seguida. A sepultura de Hélio queimou a noite toda. Por incrível que pareça, no dia seguinte, não se encontrava um carrapato sequer... todos tinham desaparecido. Talvez, um a um tenha se dirigido para o cemitério e mergulhado no fogo. Uma missa foi celebrada para pedir que a alma de Hélio descansasse em paz e que deixasse também a cidade em paz. As pessoas retomaram suas vidas e tudo voltou ao normal.

A biblioteca das árvores | Davi

Enfeitiçada pela leitura do romance *Nome falso*, de Ricardo Piglia, ela não percebeu o tempo passar. De repente, as luzes se apagaram. ‘Tem gente aqui’, gritou, e ouviu os passos do vigia que caminhava em direção a sala onde ela estava. Já havia passado a hora de ele chavear o Bloco F, explicou – e, olhando no relógio do celular, finalmente ela se deu conta de que ficara lá praticamente duas horas depois do término de sua aula.

Ela pediu desculpas, juntou suas coisas, e saiu. Não se deu ao trabalho de passar no departamento para tentar deixar o projetor, pois sabia que, depois de 23:00, mais ninguém estaria ali. ‘Amanhã eu devolvo’, disse ao vigia, como se ele esperasse dela algum tipo de explicação. No estacionamento, só estavam eles dois; e, claro, a vastidão da natureza sublime que era marca registrada da universidade. Sempre teve a impressão de que, nas noites de inverno, o cheiro das plantas ficava mais forte; mas não sabia se isso tinha qualquer procedência científica. A névoa era intensa – especialmente lá, devido à geografia montanhosa – e ela não pode deixar de se sentir intimidada pela sensação de solidão e vulnerabilidade que a combinação entre aquele local e aquele clima, naquele horário, costumava lhe causar.

Sem querer soar amedrontada, chamou pelo vigia; mas foi em vão – provavelmente ele já tinha subido para os outros blocos, que também precisavam ser trancados. Tremendo, um pouco de frio e um pouco de medo, ela tentou encontrar a chave do carro dentro da bolsa, mas acabou derrubando todos os seus pertences no chão. Como se não bastasse, depois de vários minutos até recolher tudo, ela notou que uma lâmina de gelo se formara no para-brisa. Frustrada com essa sequência de empecilhos, atirou sua bolsa e o projetor no banco traseiro, deixou as portas abertas para ver se os vidros desembaçavam e decidiu ir andando até a portaria e pedir um pouco de água: era a forma mais rápida de eliminar mais aquele incômodo obstáculo.

Quando retornou, esvaziou o copo no vidro dianteiro do veículo e imediatamente entrou para limpá-lo. Pouco a pouco, o gelo se desfez; e finalmente ela pode enxergar o que se via através dele – pelo menos dentro dos limites que a neblina lhe permitia. Antes de dar a partida no carro, enviou uma mensagem para seu marido com o intuito de explicar o atraso. Ele respondeu com uma foto dele e da filha: acordados, os dois assistiam TV enquanto esperavam por ela. Ela sorriu sozinha e, por fim, deu a partida no carro. Ao

conferir o espelho antes de dar ré, logo sentiu-se petrificar. 'Boa noite, professora' – havia alguém no banco de trás.

* * *

Durante a vida, ele amou muitas mulheres, mas elas nunca lhe amaram de volta. Se apaixonava com facilidade, mergulhando em um relacionamento atrás do outro, sempre sem pensar, e sempre com a impressão de que nunca seria capaz de viver sem fulana, ou beltrana, ou sicrana. O preferido da família, de toda a família, talvez esse excesso de carência ou dependência fosse fruto de uma infância em que se sentia, 24 horas por dia, cercado por amor: onde ele sempre se sentira repleto. Deixar o seio de casa, assim, incidiria nessa eterna busca por encontrar um seio capaz de substituir ou ao menos mitigar essa falta tão grande.

Professor de literatura, seus personagens preferidos eram todos lobos solitários: Boo Radley, Roquentin, Harry Haller, Coleman Silk... talvez sentisse um misto de inveja e admiração desses sujeitos fictícios – talvez ele idealizasse o dia em que poderia se transformar em alguém semelhante a algum deles, ainda que, no fundo, ele soubesse que tal dia nunca chegaria. Antigamente, poucos meses ele passaria sem a companhia de ninguém: porém, sentia-se sempre solitário – principalmente quando havia alguma pessoa. Quando as conhecia, fingia desejar distância, mas, na verdade, a cada mulher que entrava em sua vida ele oferecia uma âncora – a âncora de si próprio. É como se, tal qual um cachorro abandonado, estivesse sempre implorando por atenção: Me amem, me levem, me proporcionem algum porto seguro.

Por algum tempo, elas até poderiam parecer dispostas a fazer isso por ele; mas, na verdade, tinham pouco para oferecer em troca do pouco que dele esperavam. Aos poucos, ele aprendeu que seu corpo negro servia tão bem para o gozo quanto servia para o descarte. Aquelas que lhe procuravam estavam em busca de uma aventura passageira – e não de um romance de longo prazo, não vamos exagerar. Engraçado, bom de cama, inteligente, interessado... ele as fazia bem enquanto estivesse com elas, enquanto não se cansavam. Mais de uma vez ouviu delas que, com ele, se sentiam livres, bonitas, longevas. Sua efemeridade era uma pena, mas uma necessidade.

Para elas, sempre haveria um ex, ou um atual, ou um futuro amor; e esse, seguramente, nunca seria ele. Ele era um objeto de desejo, mas de um único desejo bastante específico. Com o tempo, notou que preenchia sempre um mesmo papel já garantido na vida de cada uma dessas damas voláteis: o de alívio cômico, a escolha burra que precisam fazer antes de se comprometerem com um homem de verdade. 'Tudo bem', falou sozinho dentro do carro, após uma reunião – pensara nisso tudo no curto trajeto da universidade para casa. Sabia que aquilo ficara no passado; sabia, principalmente, que, após anos de tentar inutilmente superar tal situação, ou livrar-se dela, ele finalmente havia achado uma forma de conviver com tudo.

Chegou em casa no meio da tarde, as aulas haviam sido canceladas aquela noite em razão do desaparecimento de uma professora. Mesmo que fingisse que não, ele se sentia aliviado com essa notícia; vinha dormindo mal nos últimos dias, ansioso para terminar algo que havia começado a fazer há muitos anos. Ele colocou uma cerveja para gelar enquanto adubava e dava água para suas mudinhas. A elas, dedicava atenção; uma outra coisa que também aprendeu com o tempo é que as plantas são muito melhores que os bichos. Concluída sua tarefa, ela abriu a cerveja, se serviu de uma dose de cachaça, e sentou-se na escada, de frente para os fundos da casa. Enquanto o sol se punha, bebeu lentamente enquanto contemplava a beleza de seu quintal de 700 metros quadrados: uma grandiosidade que viria a calhar para seu ambicioso projeto.

Não se sentia mais sozinho como dantes; com aquele seu quintal, ele sabia que estaria sempre acompanhado: em cada canto, havia algo muito maior do que ele. Era prazeroso pensar que, no futuro, quando as árvores estivessem grandes, essa paisagem seria ainda mais bonita. Da mesma maneira que admirava sua estante de livros, ele admirou o pequenino ipê, a araucária, a cerejeira japonesa e a nativa, o pezinho de butiá e, por último, a goiaba da serra, que havia acabado de plantar naquela manhã. Sentia-se profundamente orgulhoso pela saúde de todas as plantinhas e imaginando-as, imensas, no dia em que acordaria pela última vez. De algum modo, era-lhe reconfortante pensar que, quando morresse, todas aquelas árvores continuariam lá: livres, bonitas e longevas. Entendia seu projeto como uma espécie de biblioteca; pois ele via, em cada planta daquela, uma história, uma narrativa que já havia começado a ser escrita, mas que nunca chegaria ao fim. Cada dia lia algo novo: um raminho era uma nova frase, a folha um novo parágrafo e os galhos, esses poderosos tentáculos, um novo capítulo. Assim, também, cresciam as histórias: mantidas pelo tronco do núcleo central, o enredo vai abrindo

diversas outras portas independentes. De certa maneira, ele observava o seu quintal como se estivesse lendo a biblioteca de babel.

Então, as páginas iniciais de um livro e as mudas de árvores eram, para ele, basicamente a mesma coisa: e essa manifestação de todas elas juntas, uma ao lado da outra, era análoga aos pilares iniciais dessa sua imensa biblioteca – pilares levantados por ele. A goiaba da serra havia chegado; e, devidamente plantada, ele sentia que seu projeto estava praticamente completo. Todo mundo que ele precisava estava lá: agora, bastava ele aproveitar a herança que deixaria para o planeta, depois de sua partida. Quem visitava sua casa era sempre apresentado às suas mudinhas – mostrar aos seus amigos as características delas, e ensiná-los detalhes do cuidado de cada uma, era um prazer e, de certo modo, seu legado. Além disso, era também sua maneira de fazer com que suas mudinhas pudessem entrar em contato com as pessoas de quem ele gostava – era uma socialização. O que nenhum desses visitantes imaginava era que, embaixo de cada uma das plantinhas, jazia o corpo de todas as mulheres que ele amou durante a vida, mas que nunca lhe amaram de volta.

CRÔNICAS

Meu Imenso Sertão: Uma Analogia Literária Com O Sistema Imune | Rafael Everton Assunção Ribeiro da Costa

Nasci e cresci em uma família sertaneja nas quatro frentes. Qual a importância disto para o decorrer desta crônica? Mais importante, qual a importância de semelhante fato para a Imunologia? Bom! De início, posso adiantar que habita um imenso sertão em mim. Curiosamente, do alto da minha módica experiência de estudante de Medicina em Imunologia e com a humildade do sertanejo, que fala das coisas do universo apenas com o saber alma, acredito que habita um imenso sertão no sistema imune. Se você, leitor, chegou a este ponto, deve estar se perguntando que sentido estou dando à palavra sertão no meu pretensioso texto. Muito bem! Responderei mais adiante. Precisamos agora de apenas mais um pouco de paciência.

À palavra sertão, geralmente é dado o sentido de lugar longínquo e distante dos ares da civilização. Contudo, cuido agora em lembrá-los que o meu sertão, que em mim é imenso, se trata de uma faixa de terras do Nordeste do Brasil correspondente ao ecótono Mata dos Cocais, transição entre Caatinga, Floresta Amazônica e Cerrados. De posse destas informações, também preciso lembrá-los que estes três biomas, cada um a sua maneira, são, antes de tudo, locais que resistem.

A Caatinga, com toda a sua secura, imprimida no seu povo - seco de tudo - cria um microambiente hostil à vida de qualquer ser que não esteja em conexão com as suas duras regras. Para mim, sertanejo, esta é a mais filosófica das definições para o sistema imune: um grande complexo de fatores, vivos e não vivos, que de tão inteligente, parece ter uma vida própria designada para hostilizar e/ou proteger os seus. Aqui concluo, portanto, que a Caatinga resiste à semelhança da imunidade na sua mais pura essência.

A Floresta Amazônica, por sua vez, é o sinônimo da abundância. Há muito de tudo! Fartura de água e de vida. Aqui, certamente, o leitor deve ter notado que teria sérios problemas para fazer alguma analogia disto com o sistema imune, ainda que a linguagem figurada permita muita coisa, confesso! No entanto, para o meu sertão, a noção de riqueza trazida pelo conceito de Floresta Amazônica é nada mais que um difícil ideal a ser alcançado. Curiosamente, para o sistema imune, a abundância de tudo também é um conceito abstrato e idealizado que, de tão buscado, termina por preterido.

Já o Cerrado, transita entre a fartura amazônica e a pobreza da Caatinga. Neste ponto, poderíamos pensar ter encontrado o doce equilíbrio de conceitos que faria do

sistema imune, por fim, completo. Todavia, o Cerrado vive sempre a angústia de perder sua abundância ou a esperança de escapar da secura. Arrisco dizer que é uma resistência sofrida, tal qual a missão do sistema imune.

Em posse disso tudo, agora, tenho subsídios para responder as duas perguntas que deram início a este texto. Não sei se o leitor pode perceber, mas nas minhas descrições sobre o meu imenso sertão enfatizei seu caráter tríplice com uma descrição muito sentimental e sincera do que representa para mim cada um dos elementos desta trindade e sua relação com o sistema imune. Assim, a importância de eu ser um sertanejo puro do meu sertão para o desenvolvimento deste escrito é que, para mim, esta é minha visão de mundo - ainda que os anos e as leituras tenham me permitido olhar do buraco da fechadura os sertões alheios. Desta maneira, por tratar-se de um gênero literário com traços de caráter poético, não julguei justo com o leitor abordar o tema de uma forma diferente do que para mim é o meu mundo mais extenso, ainda que confesse que achei muito tentador criar um minimundo literário em que as células e moléculas da imunidade inata e adquirida fossem personagens complexos e profundos. Dessa maneira, acredito que falar do sistema imune como meu sertão foi a maneira mais sincera de fazê-lo para mim. Também espero, com isso, se a leitura tiver sido estimulante, que o leitor fique igualmente tentado em abordar não só a Imunologia, mas o universo de acordo com a sua essência, como acredito que seja mais bonito.

Sem mais prolongar o fim desta crônica, a importância do meu sertão ser constituído por uma miscigenação entre Caatinga, Floresta Amazônica e Cerrado para a Imunologia, com toda a precaução de dizer que falo isto literariamente para o universo desta crônica, é que, assim como ele, o sistema imune é seco e abundante, hostil e generoso, complexo e simples, mas, no fim de tudo, acredito que o objetivo seja resistir e manter o equilíbrio do que para nós ainda é um mistério - e, talvez, nunca deixe de sê-lo por completo. Quem sabe a beleza não esteja justamente no mistério ou na disputa de forças antagônicas, que, de tão opostas, se complementam? Sem me alienar do momento difícil que o mundo vive, a pandemia do coronavírus, e de se sua correlação com a Imunologia, ousou, do alto de toda a minha pretensão, dizer que, assim como o meu sertão e o sistema imune, resistiremos e faremos para todos nós um mundo de sertões imensos.

O Fim do Verão | Aline Vieira Malanovicz

Do livro da Revelação, que mostra aos fiéis todas as coisas que hão de acontecer até o fim:

1. Bem-aventurados os que tiram férias no verão e mesmo assim ficam na cidade, pois quando lerem as palavras destas profecias, o seu fim estará próximo.
2. Tudo iniciará no paralelo 30 – o número da besta – onde o Senhor submeteu seu povo às mais severas provações, e Nossa Senhora Madre de Deus viu sua perseverança.
3. O som da primeira trombeta será ouvido desde a Santo Inácio do Humaitá até a São João Paulo do Lami. Quem tiver ouvidos, que ouça. Este será o primeiro sinal.
4. Um coro de anjos do senhor cantará a promessa do profeta Wander Wildner: Jesus Cristo vai voltar, aleluia, em Porto Alegre ele vai morar, aleluia. Mas com vozes belas.
5. Uma Mulher vestida de luz descerá dos céus, com uma grande espada de fogo sobre uma nuvem de estrelas, e moverá a posição do Sol para cima de Porto Alegre.
6. “Havereis de padecer, mas sedes fiéis até o fim. Temer jamais.” Virá ainda a sensação de fornalha, mas todos aqueles que a tudo suportarem serão salvos até a eternidade.
7. Então soará a segunda trombeta, e será ouvida desde a Das Dores do Centro até a Santa Clara da Lomba do Pinheiro. E vão se abrir as portas da fornalha infernal.
8. A Mulher surgirá sentada num trono brilhante, no alto do meio do campo nos minutos finais do último Gre-nal. Seu traje resplandecerá, metade tricolor e metade colorado.
9. Seus olhos brilhantes como a chama lançarão chispas nos ímpios, e com voz de ferro Ela condenará aqueles que se recusaram ao chamado do chimarrão no verão.
10. Com a espada, a Mulher abrirá os céus e a terra. Muitos tentarão se esconder, mas os falsos deuses, como o ar-condicionado, não darão conta, e o tormento não terá repouso.
11. Uma nuvem de mosquitos atacará todos os seres vivos, e os ratos infestarão todas as ruas. E por fim virão os monstros dos monstros (os dragões? não): as baratas.
12. São Jorge descerá da Lua; e o Laçador, de sua coxilha; Bento Gonçalves e o General Osório virão com a cavalaria, e juntos irão combater a calamidade. Mas já será tarde.

13. O som da terceira trombeta será ouvido desde a Santa Catarina do Sarandi até a São José da Vila Nova. E então virão os relâmpagos e trovões, e as estrelas caindo.

14. A Mulher andará sobre as águas do Guaíba, e seus cabelos revoltos serpenteantes trarão a tempestade. O muro da Mauá será destruído, e toda a cidade será inundada.

15. As ilhas serão submersas, e a Cidade Baixa sucumbirá com seus antros de pecado. Um terremoto de magnitude jamais vista irromperá, e a inundaçãõ estará enfim completa.

16. Os bueiros entupidos tragarão para as profundezas os empreiteiros oportunistas e o prefake júnior. Ficarão expostas a cobiça e a incompetência, e será condenada a má gestão.

16. Depois de 40 dias e 40 noites, o dilúvio será finalmente drenado pelas bocas-de-lobo, e então chegará o sagrado Outono, que durará pelos séculos dos séculos. Amém.

Em memória a uma linhagem órfã | Kelly Rodrigues Gularte

Era uma vez em uma região da campanha gaúcha, lá pelo ano de 1940, contextualizando o período, eram mais ou menos sessenta anos pós-abolição da escravatura e momento em que Getúlio Vargas, gaúcho, filho de estancieiros, ascendia para presidir o Brasil. Neste sentido, contarei uma história, que segundo Djamilia Ribeiro no livro *O que é lugar de fala* de 2017, a autora menciona que “se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível”.

Havia uma mulher preta, chamada Maria, que segundo histórias orais, relatam que ela veio caminhando da Bahia até o Rio Grande do Sul. Chegando na região da campanha, começou a trabalhar como cozinheira em uma fazenda. Lá, conheceu João, ambos analfabetos, dadas às informações do censo de 1956, que demonstram que mais de 70% da população brasileira não sabia ler nem escrever na época. João era um faz tudo na fazenda. Se apaixonaram. Tiveram filhos: cinco mulheres e três homens, oito descendentes na verdade.

A família proprietária desta fazenda era branca e composta de um casal que tinha quatro filhos: três meninas e um menino. Eram oriundos da capital Porto Alegre/RS. Todas as crianças relatadas tinham idades semelhantes, e eventualmente, ir para a fazenda era um lazer, e brincar com os pretinhos e pretinhas filhos da cozinheira, que hora sumia, hora aparecia era rotineiro, pois o detalhe, é que a cada dois ou três filhos, minha avó Maria, saía a andarilhar por lugares indefinidos.

Lá pelos anos de 1960, Maria infartou, João ficou sozinho com os oito filhos, e no trabalho braçal da fazenda. O que se sucedeu? Cada sinhazinha e sinhozinho pegou uma ou duas pretinhas para criar e levar para suas residências originais longe da fazenda: duas vieram para Porto Alegre (uma delas era minha mãe), duas foram para o Rio de Janeiro, outra para Montevideú e sei lá por que, três ficaram. Desses últimos três, uma era a mais velha e se encarregou de cuidar dos dois irmãos mais novos. Por que será que os três irmãos ficaram na fazenda? Será uma leve semelhança ao Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre?

O que se pode pensar que ocorreu com estas jovens pretinhas que foram viver com famílias brancas, nos anos 60, oriundas todas de um país racista, e que omite o silenciamento das múltiplas identidades desta terra? Será que estas jovens “adotadas”

tiveram as mesmas oportunidades educacionais, sociais, culturais que as filhas e o filho deste casal de fazendeiros tiveram?

Não.

Estes filhos da elite branca concluíram o ensino superior, tiveram empregos bem remunerados e tempo para produzir arte. Todas estas moças apadrinhadas que foram se tornando mulheres, eram consideradas “da família”, até a morte de todas elas, pois todas faleceram muito cedo. Eram domésticas, essas afilhadas tinham seu quartinho de 1x1, comiam na cozinha, chamavam os patrões de madrinha e padrinho e tinham salário. Não concluíram o 1º grau, atual ensino fundamental. Destas cinco mulheres domésticas, duas delas no final dos anos 70, casaram com homens pretos e continuaram suas vidas, carregadas de dificuldades financeiras, num período ainda de ditadura, e com suporte desta família branca quando o cinto apertava. Eventuais encontros de aniversário e natalinos destas famílias brancas ocorriam, e presentes para os descendentes destas mulheres pretas (netos e netas – e eu, os chamava de avós) faziam parte do protocolo.

As outras duas, seguiram as atividades de empregada doméstica por décadas. Uma delas teve um filho, foi mãe solteira, e revelou quem era o pai, apenas aos 60 anos de idade. Adivinha? Um sobrinho da sinhazinha se aproveitou da pretinha virgem de 18 anos. Com o passar da idade, minha tia se aposentou e exigiu sair do apartamento em que vivia, trabalhava – sendo que o filho com necessidades especiais a ajudava nos afazeres domésticos. Portanto, na metade dos anos 90, essa mulher teve sua alforria, porém, ainda presa financeiramente (uma vez que a família sabe do débito infinito que possuía). Truques ou não da vida, quando minha tia morreu, nos anos 2000, este filho passou a morar com uma destas “irmãs de criação”, e ela o tratou como filho de verdade até a morte dele em 2021. A outra infartou. A quinta pretinha foi a única que teve um destino com mais equidade. Estudou, era técnica em prótese dentária e está viva até hoje, com 80 anos. Não casou, segue no Uruguai, e está terminando sua velhice.

Meu avô morreu, no final dos anos 90, cego e velhinho, na campanha onde sempre viveu. Na região, ficaram os outros três. Eram pobres, começaram a trabalhar cedo, atravessaram suas dificuldades tomando café com farinha de mandioca, imagino algo semelhante à narrativa de Carolina Maria de Jesus no livro Quarto de despejo, de 1960. Essa pretinha criou seus dois irmãos mais novos. Os três casaram, tiveram filhos e morreram há bastante tempo. Conheci esta tia quando eu tinha onze anos de idade,

lembro que ela tinha uma narrativa de que ela, eles passaram trabalho, mas estavam juntos, e isso bastava.

Mesmo com as trajetórias difíceis relatadas, meus antecessores, os oito filhos de Maria e João, lutaram para que seus filhos e filhas tivessem uma vida de independência, e guardo minha mãe com muito orgulho, e hoje, a terceira geração, é constituída de adultos como eu, e nem de longe, passamos por tal ficção. Os sucessores atuais superaram estes contextos, e incentivam à quarta geração a lembrarem do seu passado e a conquistarem o seu lugar.

Mais um dia comum: crônicas da pandemia | Késsia Gomes do Nascimento

Dimm! Drimm! 05:00 hrs da manhã, o alarme me desperta, abro os olhos ainda com vontade de ficar na cama, meu corpo se entrega a mais 5 minutos de soneca, assim como o despertador. No entanto, antes mesmo que eu retorne para os meus sonhos, as obrigações me acordam. Levanto juntamente com o cheiro do café que se espalha pela casa, "mais um dia comum"- Pensei.

O ônibus estava lotado, o trânsito abarrotado para chegar ao trabalho, a vasta aglomeração de pessoas nas ruas, a fumaça dos carros e a mesma senhora tagarela que sempre pega o ônibus das 5:45 comigo. Sentada sempre no assento preferencial do ônibus, eu como de costume de pé. Dona Firmina era seu nome, tantos meses pegando o mesmo ônibus, que certa vez ouvi quando ela atendeu o telefone dizendo: --- Alô!! Aqui quem fala é a dona Firmina. Suspirei agradecendo esta conquista, passei 3 semanas tentando descobrir seu nome, "consequências da monotonia do trânsito de mais um dia comum", - considerei.

Desde o dia em que bati os olhos nesta senhora, ela me chamou atenção. Preta, cabelos brancos, cacheados, alta, magra, voz rouca e possuía olhos cansados, como que carregasse muitos problemas, no entanto sua postura sempre estava erguida, cabeça pra frente, corpo alinhado, como quem tinha disposição para desafiar todos os problemas. Dona Firmina como de costume estava ao telefone, tagarelado, conversando sobre a crise econômica e o desemprego e sobre como isto afetou a vida de seu filho, "ele não come mais direito", "não sai mais de casa", vive pra baixo" – Dizia ela ao celular. Reflito sobre como uma situação macro reflete na vida privada das pessoas. Ela desce dois pontos antes do meu, sento em seu lugar, a esta altura o ônibus vai esvaziando, e suspiro "Mais um dia comum".

Chego ao trabalho, os alunos já estão na sala, expectativas à flor da pele, é o início do 1º trimestre, bagunça na aula, gritos, risadas, brincadeiras, quebra na minha monotonia. Ser professora nos exige energia constante. "Falaremos hoje dos verbos transitivos e intransitivos" – disse. Ao fundo da sala ouço "que porre professora". Reflito: "mais um dia comum".

No intervalo, na sala dos professores, ao fundo ouço o noticiário na TV, escuto também o burburinho dos professores sobre um suposto fechamento das escolas,

iniciava-se uma maior preocupação sobre o coronavírus. Não levei em conta, “impossível vivermos uma pandemia mundial”, - acreditei. Errei! A escola foi fechada, aulas interrompidas, alunos dispensados, professores em casa, merendas guardadas, pais e mães desesperados. Iniciou-se a quarentena. Fim dos dias comuns!

Nos primeiros dias de isolamento, sentia uma sensação absoluta de paz de poder estar em casa, longe dos afazeres, tempo para leituras, séries para maratona, sem alarme às 5:00 da manhã. Mas como tudo é efêmero nesta vida, estes momentos se diluíram rápido. Aumento de mortes pelo vírus, notícias excessivas, distanciamento social, fechamento do comércio, abertura do comércio, as visualizações nos stories se tornaram constantes, buscas patéticas na timeline das redes sociais, procrastinação, tento vencê-la, é preciso! Cobro-me ser produtiva, me cobram ser produtiva, é tempo de me resignificar, agora dou aulas online.

Se há algo de monótono nos dias comuns, há também algo de genial neles! Já havia se passado 35 dias em casa, a mente já sucumbia a conseqüências banais, 35!! De traz para a frente 53, 53? “Será a quantidade de dias a mais que ficarei em casa?” – conseqüirei. Meneei a cabeça tentando me desvencilhar desta ideia insuportável. A este ponto da quarentena tento me apegar a qualquer ínfima lembrança que me leve aos meus dias comuns.

Penso em dona Firmina e sobre como está sendo sua quarentena, é idosa e logo está no grupo de risco. Tem ela se protegido? Ou tem saído na rua? Me lembro que seu filho não saía mais de casa, quem tem cuidado dela? Tomara que seu filho consiga o auxílio emergencial neste momento, creio ser um alento no meio do caos. Penso no ônibus lotado e na saudade da aglomeração nas ruas, meu coração aperta, pois até a lembrança do trânsito tem sido reconfortante nesses dias, a monotonia, a rotina, o cheiro do café se espalhando pela casa, o café dos dias comuns tinha um sabor diferente, um cheiro inebriante, era o que despertava meu corpo da cama.

Passam-se 10 minutos e meus pensamentos já me levam para escola, para os meus alunos, para os gritos, risadas, brincadeiras, bagunças, a energia daqueles 20 adolescentes em sala de aula, cada um na particularidade de sua personalidade, aquela sala cheirava a vida, exalava sonhos. Gostaria de ter concluído minha aula sobre verbos e ter-lhes dito que “viver” é um verbo intransitivo, porque viver não precisa de complemento, viver basta-se em si, sem preposições para completá-lo, sem artigos pra lhe atribuir sentido, viver é

intransitivo, viver é intransigente, é implacável. Queria ter-lhes explicado isso! Queria ter-lhes dito que apesar de todo o rigor da vida, é possível aplacá-la, que amar é transitivo e carece de complemento e por isso precisamos uns dos outros. Queria ter sido uma professora melhor e ter enxergado poesia onde achei que só havia denotação.

Agora me pego escrevendo estas linhas sobre a saudade de dias comuns, e após essa vírgula já revoluciono minhas ideias: “Não há dias comuns”. Cada dia é genial, é brilhante, é desesperador, é angustiante, é milagroso, é singular. Hoje me sinto com olhos cansados de Dona Firmina, amanhã talvez esteja pra baixo como seu filho, mas haverá o dia em que estarei com a energia de 20 adolescentes numa sala de aula e com a postura erguida, alinhada, como quem tem disposição para desafiar todos os problemas.

Existência | Lauramaria

Descobri uma nova forma de ser. Não que antes eu não fosse desconfigurada da minha essência. Mas uma mineira na praia é completa e fora de si. A calmaria do mar inundava meus pensamentos em completo nada. Foi em nada que me encontrei ser.

Acordava para as palavras sublimes proferidas dos lábios de estranhos. Aqueles sorrisos falsos de trabalho entregando o café da manhã no hotel. O olhar duro de mulheres que queriam estar ali sendo servidas e eram serviçais. A dor que carregava o filho no ventre e não saberia que dia iriam dar a luz, ou dar as trevas. Afinal, viver era um sopro de Schopenhauer. No pêndulo do esquecimento, eu via corpos molhados e sorridentes levando a brisa marítima além da costa. Ao lado, na areia quente, suor e mexilhões equilibrados quase que perfeitamente nas mãos de um pescador que nem sequer recordava seu último mergulho nas águas turvas daquele oceano.

Pensava que isso era inevitável. Tardava o almoço e esquecia com frieza aquele mundo. Eu existia no estresse contínuo do controle. Não entendia o porquê de desejar a ordem em tudo que tocava. Mas uma mineira na praia? Não importava nem o horário que dormiria. Nada me fazia ser em fuga da realidade assombrosa. Acordava em êxtase de pisar na areia quente, a corrente nervosa fazia meus pés arderem em transe hipotético tal qual a transa insignificante da noite anterior.

Não sabia mais a razão do vento ou onde estivera em passados longínquos. A monotonia fazia a maré inundar o gosto de viver. Descobri que a infância inquietante do silêncio era meu ser em nada. Gostava da sensação de quietude. Saboreava minha existência fora de essência. Assim, me percebia humana. Podia ser frágil. Podia enxergar empatia na solitude.

Sabia que ao voltar para a vida desistiria de tudo. Não conseguiria mais sentir calma. Teria medo do controle e ele me perseguiria aludindo à falsa confiança, como se pudesse viver na ilusão. Alimentava aquilo das minhas entranhas ardendo em medo. Nunca soube viver, respirar, tocar. Por mais que a paz reinasse na melancolia da mente, cresci no pavor de perder a segurança que tanto desejava e me moldava para explicar a razão de minhas escolhas que talvez nem fossem verídicas.

Parece ingratidão de alguém que ama, que é amado, que tem condições de buscar ajuda. Parece adjetivação além do normal. Não é. Vivo uma essência paradoxal de existir

e não ser. Talvez um dia, conseguisse na realidade, aderir ao meu ser infantil que era ser ao encontrar o azul marinho noturno céu e mar.

Por enquanto, respirava, tocava e não vivia.

Em rimas pobres, como fazem todos, me escondia.

POESIAS

Anos-noite | Thaís Silva de Assis

Nada irá substituir
o brilho da canção
que anoiteceu nossos dias.
A fragilidade, como nuvem, escorre

a última delicadeza
pressentida.
A mudez abraça o frescor
possível,
queima por dentro,
sufoca.

Nunca foi uma tempestade,
mas as dádivas
se esvaziaram diante das águas:
sobraram lágrimas
de uma religião
sem fé.

Já é noite há anos.
O que há em nós que tanto desmerece?
A geometria do universo
é silêncio tão antigo
que não há sequer um eco de resposta.

Nenhum tom de azul
ou de estrelas
pode substituir
o primeiro voo da aurora.

Turma Flávio Moreira | Valdinei de Almeida¹

Chegou a hora de mostrar nossa verdade,
Tem que ser aqui, agora
Viemos pra ficar.
Os movimentos unidos na universidade,
Divulgando a diversidade,
Da cultura popular.

E queremos multiplicar nossos saberes,
Dividir nossos viveres,
Numa linda comunhão.
E o raiar de um novo dia está chegando,
Já vejo despontando,
Uma nova educação.

Juntos somos mais e não estamos de bobeira,
Turma FLÁVIO MOREIRA promovendo educação,
Pois já sabemos, que quem planta colhe,
Escrevendo nossa história, com trabalho e mutirão.

Estamos certos que essa é nossa vez,
Não pode haver talvez,
Devemos insistir.
Faz parte de nossa a vida a luta,
Suor, sangue, labuta,
Ocupar e resistir.

E caminhamos, todos de mãos dadas,
Junto a camaradada,
Protagonistas vamos ser.
Temos a certeza, que este é o caminho certo,
Cada vez está mais perto,
O nosso sonho acontecer.

Juntos somos mais e não estamos de bobeira,
Turma FLÁVIO MOREIRA promovendo educação,
Pois já sabemos, que quem planta colhe,
Escrevendo nossa história, com trabalho e mutirão.

¹Nota do autor: Esta poesia foi uma homenagem póstuma ao Professor Doutor Flávio Moreira, que atuava na 1ª turma da Licenciatura em Educação do Campo do CEUNES, vindo a falecer em um trágico acidente. A 1ª turma do LECAMP passou a se chamar "Turma Flávio Moreira" e esta poesia se tornou a música da turma.

A Arte de Silenciar | Roberta Moratori

Cala! Lá e cá.

Só calar.

Professorar?

Profes sorar

Proferir?

Pró ferir

Cala!

Só cala.

Soca lá,

na boca do estômago,

soco.

Socorro!

Só corro,

corro,

corro;

silêncio.

Ah...

Respiro só,

só,

só sons.

Afronta;

fronte roja

Calor dissipando,

olvidando,

refutando...

Ré,

resquício,

GRITO!

Cala!

Sua arrogância,

seu tom maior,

sua redundância,

seu ar de superioridade.

Ar.

Ah... Lá

O pássaro voando, as
árvores no vento

O que gostaria de trocar,
apreender, partilhar...

Parte lá...

Parte cá e lá.

CALA!

Ou mata de uma vez,

Mas sem anestesia

Gente de quem não é gente da gente | Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque²

Apagaram meu graffiti
Nem levaram em conta
O envolvimento das pessoa
A mensagem, o motivo
Porque será que fizeram isso?

Não sei também...
Só sei que não foi a primeira vez
Teve uma casa lá no Canta Sapo,
O muro da escola também ficou zoado...
Que saco...

No fundo, desta última vez
Foi pior.
Era uma homenagem ao “Menor”
Estêncil, retrato, dinheiro gasto
Viagem e desgaste

Parte do povo alheio
Não veio,
Mas criticar e falar do que não sabem
Ah! isso eles fizeram
E como fizeram...

Nota pública
Pedidos de desculpas
É pouco
Não quero só financiamento
De outro evento

Renomear a quadra é o mínimo
Com o nome do Kevinho
Kevin Augusto Clemente
Não foi gente de quem,
Foi gente da gente!

Uma mensagem, tenho
Para o “zé povinho”:
- Assim não vai ficar!

² Nota do autor: Poema desenvolvido como reposta à censura de mural de graffiti feito em memória de Kevin Augusto Clemente em Porto Feliz, no ano de 2017.

Como disse Os Gêmeos:
- A lata vai revidar!

Seja em Porto Feliz,
Ou em qualquer lugar
Todo mundo vai saber
Tão atrasado e sem escrúpulos
São vocês, é você.

Gente de quem?
De quem baba ovo...
Essa história de novo?
Gente de quem
Nunca será gente da gente

Gente de quem
Consente
Não sente.
Por isso, resistiremos,
Como sempre...



Ilustração: Graffiti do retrato de Kevin Augusto Clemente antes de ser apagado pela Equipe da Prefeitura de Porto Feliz/SP, 2017. Fonte: Arquivo pessoal.

Alumbramento ou coisa da idade? | José Ignacio Ribeiro Marinho

Já não me incomodo com aquilo que pensam de mim
Alcei voos longínquos sem paraquedas
Hoje guardo fotos esmaecidas na memória
Acostumei-me com os pleonasmos de mamãe e com as onomatopeias de vovó
Saudade sinto do fogão a lenha, do sumo fedido da arnica e dos doces feitos do tronco
do mamão
As palmas-de-santa-rita ornamentam a duração do dia
O crepitar das folhas e o cair plácido da noite me deixam zen
Será, meu Deus, que é alumbramento ou coisa da idade?

Amor Entre Política E Poder, Uma Orbe Lunar Se Cava/Love Between Policy And Power, A Lunar Orbe Holes | Marcelo Calderari Miguel

PODER TEM MEMÓRIAS

Memória no olhar, lugar de aprender e visualizar
Memórias sentidas, uma ajuda dita ou não compreendida
Há memória agitada, dita a mente, choca o ser
A memória provoca, dores e amores, é certa e alivia

Memória tem poder afagar, as palavra que você aguarda
Memórias mostram um fatal erro, ofenças situa e monta sua trajetoria
Há memória que influenciam o grito, tornam-se escrita palavras
A memória afronta, traz a tona tudo que amedronta

Memória ofendida, odiada, devorada e consolidada
Memórias com amplas vertendes, direito válido de memória
Há memória prezado o direitos de ser esquecida ou revelada
A memória capacidade de adquirir, evocar e armazenar gerais informes

Memória é fatos e ações obtia através de experiências vividas ou ouvidas
Memória prepara, ignora, chora, transtorna, entristece, enrijece o Ser
Há memória adormecidas, disseminadas nas esquinas e alguma vez distorcida
A memória avisa, protege, retalha, acaricia, alucina e nós transforma

Memória que voce adora, tem poder de salvação e atiça emoção
Memórias as vezes são disputadas e emplumam, ora são despeitas ou nao
Há memória que envolvem, de forma dura ou pura a sociedade absorve
A memória rima, vem da trajetória de escolhas da mente e do coração.

OUTRA INCLINAÇÃO CARECE SER REINVENTADA, O AMOR CAVA OUTRA DIREÇÃO

Minha vida é como uma estrada na lua

Tem muitas fases e muitas curvas, tem períodos de brilho e de escuridão

Um percurso não muito retilíneo, mas tangencial, a autoestrada na lua é a política por si

Nela têm declives e cateras, rupturas e fraturas. Ora diz precisar de pontes e reparos,

Ora ser queria cimento e durável. E no árduo as vezes não há só buracos, há ultimatoss.

A autopista na lua é a vida pelos versos e avessos, a estrada de retenção e altos riscos

Imerso e evidentes buracos há no transcorrer, há as cavidades gigantes e até turvas.

O afastamento que segue e rege, o trajeto revela quedas e trilha um percurso de dores

Também há delícias, um epicentro de emoções no Rali Dakar da vida placas alertam

para radares, semáforos, travessias, presença de víboras...

É preciso parar, cuidar, reparar e poder direcionar recursos e esforços

Nessa estrada estacionar não é uma questão singular

Mesmo devagar, a defesa é avançar e sair da míngua

Encher o momento e movimento de delitante e polimato existir.

A estrada é nossa vida, tem buracos e sinas e nela há a essência

E se diz com bravura, é preciso brandura pra avançar nesse trajeto

Quebra molas existem na Terra, também é possível fazer loops na lua

O embarque já foi dado, a bagagem resultante é a passagem e estadia do conviver...

A vida é uma estrada da lua, tem encruzilhada e pista, amores e dissabores

Lua e seus gaps situam um delinear de pedágios e balanças, mais que sonhos de queijo

Sua melhor lembrança, acertos e desconcertos começar quando vê no fim do túnel a luz

É o cenário final, requer entre tantas suavidade perpassar buracos e contendass.

Avante camaradas, é o despertar das vias e acessos, cordel do encantado fogo

E a vezes o contorno dista um corriqueiro amigo, preciso é avaliar os veículos

Criar um mapa e fases novas para o corrente fluir de ciclos lunáticos, amorosos e vitais

Ligue os pontos e a sua trilha sonora, cante no navegar da bússola, seja uma via plena...

VENTO, ROSA E CAMINHO

Nos Pontos Cardeais o Norte (N) é sempre guia.

Meridional e austral – é o Sul (S); tal concepção é adotada por cidades que zonas criam.

O oriente e nascente – é o Leste (E); lugar ‘este’, onde o sol nasce e reflete.

O ocidente ou poente – o Oeste (O); lá é onde há o clímax... Nele vejo o Pôr do sol.

Nos Colaterais Pontos vê-se que o Sudeste (SE) se situa entre o sul e o oeste.

Entre o norte e o oeste – o Noroeste (NO), às vezes apelidado de ‘Nordoeste.

Entre Norte e o leste – o Nordeste (NE); fora da bitácula vejo nesse o ‘Noroeste’ termo.

Entre o sul e o oeste – o Sudoeste (SO); colateral coordenada, ora falada mediatriz.

Na rosa dos ventos há relativas posições, direções e rumos:

Cardel, colateral, subcolateral e intermediários pontos e trinta e duas orientações.

Esses pontos são bons lembrar, e diante ventos e adventos a rosa nos guiará.

Pode até simples parecer que ‘direita e esquerda’, para ‘frente’ ou para ‘trás’ são guias.

Mas terráqueos, a rosa e magnética bússola ou agulha é que dirige um avante levantar.

E assim a rosa diz: nesse santo país o leste é para direita; o oeste é coisa da esquerda e vamos logo desbravar... Imaginárias linhas; Câncer e Capricórnio; Antártico e Ártico.

NA MARGEM, A GUIA

O sempre lá no horizonte está...
O norte onde quer olhe aponta lá...
A bússola você não poder esquecer, uma seta a nortear.

Sempre vai ser norte, em qualquer ponto que esteja norte será.
E esse é ponto para onde para sempre vou guiar, avante.
Minha direção me guia, mas eu quero por essa bússola me orientar.

Não quero estrela-guia,
nem céus ou utopias ou muito menos a topografia. Vou seguir o seu enredo.
E essa eternal 'Era dos Descobrimientos' será um campo magnético em mim.

Lá vou rumo ao distante, não me importa o lavor,
seta norte é minha guia singular....
E para o norte lá sempre vai assinalar